



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v. 15, n. 28, p. 130-134, 2023
DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n28a56686

Resenha

The Africas in the World and the World in the Africas, organizado por Sandra Sousa e Nazir Ahmed Can

The Africas in the World and the World in the Africas, edited by Sandra Sousa and Nazir Ahmed Can

Ana Beatriz Matte Braun 

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pato Branco, PR, Brasil

E-mail: anabraun@utfpr.edu.br

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores convidados

Andrea Cristina Muraro
Gabriel Chagas
Luciana Brandão Leal
Marlon Augusto Barbosa

Autora correspondente

Ana Beatriz Matte Braun
anabraun@utfpr.edu.br

Recebido: 31/01/2023

Aceito: 11/06/2023

Como citar:

BRAUN, Ana Beatriz Matte. The Africas in the World and the World in the Africas, organizado por Sandra Sousa e Nazir Ahmed Can. *Revista Mulemba*, v. 15, n. 28, p. 130-134, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n28a56686>

Estar alerta para as dinâmicas coloniais ainda presentes no trabalho de análise literária deve estar sempre em nosso radar, visto que, conforme salienta Said (2011) em *Cultura e imperialismo*, o imperialismo é um empreendimento de caráter contínuo. Sendo o trabalho da crítica literária igualmente forjado dentro de (ou a partir de) formações ideológicas, é preciso que nos atentemos para as lógicas coloniais que ainda prevalecem em nossa prática de análise das literaturas africanas.

The Africas in the World and the World in the Africas, publicado em 2022 pela Editora Quod Manet (EUA) e organizado por Sandra Sousa e Nazir Ahmed Can, é um excelente trabalho de comparativismo literário que deliberadamente se propõe a desobedecer os protocolos de análise de obras e autores(as) que se pautem e restrinjam pelas fronteiras nacionais e/ou por critérios linguísticos. A obra estimula abordagens interafricanas, olhares que cultivem a diversidade linguística e o confronto entre diferentes geografias por meio de leituras que contrastam autores e autoras que não compartilham do mesmo espaço nacional ou da mesma língua. O livro igualmente mostra que a incorporação de uma atitude nômade,

desafiando os protocolos e limites linguísticos (da lusofonia, da francofonia e da anglofonia) que têm pautado as análises comparatistas entre obras e autores em contextos africanos, é capaz de realizar uma necessária oxigenação nos estudos das literaturas relacionadas à África e a contextos africanos diaspóricos.

A coletânea é composta de doze artigos que, apostando na diversificação de leituras sobre “as Áfricas” e orientados pelas possibilidades de análise oferecidas pelo aparato crítico da literatura comparada, discutem, conforme anuncia seu título, as literaturas africanas no mundo ou em relação ao mundo, evidenciando o fato de que muitas obras contemporâneas não se conformam aos limites impostos pelas fronteiras nacionais. Construída em meio à pandemia, conforme informam Sousa e Can (2022) na introdução, a obra reúne textos escritos por acadêmicos e acadêmicas que, falando a partir de diversos lugares do mundo, conferem novos tratamentos para textos canônicos, sugerem a reordenação dos cânones para além de critérios nacionais, elegem novos paradigmas para orientar as análises críticas e promovem aproximações, algumas um tanto inesperadas mas invariavelmente se mostrando muito produtivas.

O desejo de revisar, dissecar e ressignificar leituras e aparato teórico empregados na análise e interpretação dos campos literários africanos é afirmado no texto introdutório, assinado por ambos organizadora e organizador que, já de início, não se furtam em evidenciar, para então discutir, a vinculação entre literatura e política na África desde o século XX. Chamam atenção para a multiplicidade cultural do continente, clamando por uma alternativa aos estudos críticos que se pautam pela unidade nacional ou priorizam analisar autores de um mesmo espectro linguístico. Para que o campo crítico possa avançar, afirmam ser necessário não apenas reconhecer e evidenciar dinâmicas coloniais que ainda persistem no imaginário contemporâneo sobre a África, mas também, e especialmente, renovar o próprio aparato que tem sido empregado pela crítica até hoje. Também postulam a abertura do campo de debates dos estudos literários africanos para que transcenda, ainda que não as descarte de todo, as categorias analíticas pautadas pelo paradigma nacional, para possibilitar a emergência de novas leituras e abordagens. Isso significa, conforme frisam os autores, questionar e remover padrões do passado (colonial) que persistem no presente.

Tal movimento, dizem, significaria a abertura do espaço da crítica para a emergência de abordagens que possam reorganizar a discussão sobre a geografia, as fronteiras e os espaços nacionais, recusando paradigmas herdados da Conferência de Berlim. É amplamente sabido que o estabelecimento e manutenção dos limites territoriais em África tem sido gerador de inúmeras tensões no continente, dificultando a interação entre regiões muitas vezes muito próximas geograficamente, o que impede, por consequência, tanto a aproximação e diálogos entre vizinhos quanto a confecção de quadros mais amplos e integrados nas investigações literárias. Os organizadores

afirmam ainda haver muito por explorar, em termos comparativos, em obras de autores(as) de (e em) espaços geográficos distantes, aparentemente sem ligação, como forma de promover contato entre estéticas divergentes, questionamentos e a desmistificação dos cânones literários nacionais. Nesse sentido, Sousa e Can (2022) pedem a abertura do campo de debates à circulação de ideias em diferentes línguas, materializando-a tanto pela atitude de compilar artigos escritos em inglês e português, como por proporcionar comparações entre literaturas escritas em diferentes registros linguísticos.

A perspectiva ampliada de literatura africana está, desse modo, expressa na concepção e sequenciamento dos artigos, partindo de abordagens pautadas pelo comparativismo dentro do continente e indo à escrita dos afrodescendentes e das escritas diaspóricas, evidenciando uma estrutura de mundo em comum em obras à primeira vista dissemelhantes, saindo da discussão da relação entre história e representação, ou da literatura enquanto tradução de uma suposta essência nacional. O volume é composto por abordagens que se dedicam a analisar obras, autores e campos literários não usualmente comparados, como nos artigos de Fátima Mendonça, comparando o moçambicano Luís Bernardo Honwana com o autor sul africano Alex La Guma, no de Ricardo Luiz Pedrosa Alves, lendo o sul-africano J. M. Coetzee e o moçambicano João Paulo Borges Coelho em relação ao anglo-polonês Joseph Conrad, no de Sheila Khan lendo a ganesa Yaa Gyasi em relação à angolana Djaimilia Pereira e no de Sandra Sousa, lendo Djaimilia Pereira agora em relação à nigeriana Chimamanda Adichie. Há também a discussão sobre formas narrativas e gêneros literários, como no artigo de Juan Miguel Zarandona tratando da autobiografia em contextos africanos, tomando-a como um gênero de caráter memorialístico em combinação com elementos de natureza ficcional. Outros textos, por sua vez, como o de Fernanda Murad Machado, discutem a diáspora africana e a forma como ficcionistas de diferentes nacionalidades percebem os vínculos da África com o resto do mundo, como no caso do moçambicano Mia Couto e do guineano Tierno Monénembo. Há, ainda, textos com abordagens mais panorâmicas, promovendo um mapeamento de obras produzidas em diferentes países/continentes e suas preocupações em comum, como o de Nazir Can traçando um panorama da produção recente da região Índica pela comparação entre a produção literária de Moçambique e Ilhas Maurício. Alguns outros artigos evidenciam, à medida que o distanciamento temporal entre o período colonial e o momento contemporâneo vai se alargando, a necessidade da contínua adaptação e mesmo renovação do aparato teórico empregado para a leitura de textos já canônicos, revisando a literatura produzida ainda no período colonial, considerando novas possibilidades de interação com tais obras e mostrando a relevância de atualizarmos suas leituras. É o caso dos textos de Mayca de Castro, Lisa Nalbone e Iara Cristina Silva Barroca, analisando autores como Bernard Dadié, Daniel Jones

Mathama, Leóncio Evita, Conceição Evaristo e Chimamanda Adichie. Por fim, cite-se o artigo de Daniel F. Silva discutindo capitalismo racial nas obras de Grada Kilomba, Jamaica Kincaid e Conceição Lima, e o artigo de Susana L. M. Antunes analisando memória, língua e oralidade nas obras de Leïla Sebbar e Odete da Costa Semedo.

São, em suma, trabalhos que, buscando romper e superar laços atados pelo colonialismo e que perduram na contemporaneidade, mostram os relevantes resultados que podem ser obtidos quando obras de diferentes tradições linguísticas, muitas vezes marcadas pela dissonância entre produção e recepção, são colocadas em contato. Recorrendo mais uma vez a Said (2011), pensar as diferentes expressões literárias por meio do cruzamento ou sobreposição de experiências e memórias é capaz de produzir sugestões analíticas diversificadas, bem como o entrelaçamento do conhecimento acumulado por diferentes tipos de vivências africanas e diaspóricas. *The Africas in the World and the World in the Africas* é, por isso, um volume muito necessário, na medida em que assume, deliberadamente, a atitude de desmistificar e desobedecer aos protocolos dos campos linguísticos, pela amplificação de ideias que não se restringem ao espectro do nacional, nem incorrem em protocolos neocoloniais de análise. Em paralelo, destaque-se também a ampla variedade de obras, autoras e autores abordados, evidenciando a urgência para discutir a aproximação de obras e conceitos, como, por exemplo, o de escrevivência e o de história única.

Dada a possibilidade de ampliação do projeto, aventada por Sandra Sousa em conversa recente¹, possíveis abordagens para as próximas discussões e incursões críticas poderiam ser a incorporação de mais vozes literárias que falem a partir das Americas, ou as escritas negras da Europa, o aprofundamento das discussões sobre literaturas em trânsito, literaturas africanas no mundo e o mundo nessas realidades nacionais, e as expressões literárias do século XXI, além da construção de um próprio estudo teórico que se proponha a sintetizar as discussões e debates suscitados neste primeiro volume. Uma última possibilidade seria propor abordagens críticas que conciliam a perspectiva histórica com o sincronismo das geografias, esquivando-se do essencialismo de perspectivas históricas que evitam o relacionamento com e dos lugares e de perspectivas culturais ou geográficas igualmente distanciadas dos contextos históricos.

¹ Em conversa recente veiculada no Canal Outro Livro, no Youtube, Sandra Sousa explicou que a ideia inicial era publicar um volume multilíngue.

Referências

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SOUSA, Sandra; CAN, Nazir Ahmed. **The Africas in the World and the World in the Africas: African literatures and Comparativism**. Holden, Massachusetts: Quod Manet, 2022.

THE AFRICAS in the World and the World in the Africas, com Sandra Sousa. Publicado por Outro Livro - conversas literárias. [S. l.: s. n.], 19 jan. 2023. 1 vídeo (59 min 1 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WygnodDA9H8&t=2378s>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Ana Beatriz Matte Braun. Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do campus Pato Branco. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2016) com pós-doutorado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2023). É autora e coorganizadora do livro *Diálogos com o pensamento social brasileiro* (2020) e do recém-lançado *Molduras: entrevistas sobre literaturas africanas* (2023).